

8165

III Encontro dos Estudantes Portugueses no Estrangeiro Paris, 27-30 Dezembro 1968

documentos preparatórios

DEPOIMENTOS DE DESERTORES DA GUERRA COLONIAL*

* - Declarações feitas pelos autores à Frente Patriótica de Libertação Nacional - FPLN - que nos autorizou a reprodução.



Nº 6695

Secretariado dos Encontros dos Estudantes Portugueses no Estrangeiro
SEEPE · Boîte Postale 64 · Bruxelles 5

325.83/864 (1961/1968)

O QUE E O TREINO DE COMANDOS

Depoimento do desertor Manuel Verissimo Vizeu, 1º cabo de comandos, nascido em 1946 em Corvos, Mértola. Em Portugal era serralheiro civil. Possui o 2º grau do ensino primario.

O treino da 15a. Companhia de Comandos constou de bastante applicação militar, e todos os dias, como rastejar, muita cambalhota, e de diversas maneiras, muito salto, jogar boxe, golpes de judo, lançarmo-nos de camião a 40 ou a 50 à hora prontos a fazer fogo e todos em linha. Aprendermos a saltar de helicoptero de 4 ou 5 metros de altura, já a fazer fogo e com os homens já em linha a fazer progressão na direcção do inimigo, aprendermos a remar em pequenos barcos de borracha e em equipas de 5 homens como de helicoptero, aprendermos primeiro em equipas de cinco e depois um grupo inteiro que são 25 homens, a progredirmos todos em linha em direcção do inimigo, lançando-nos ao chão de tantos em tantos metros para nos levantar-mos logo a seguir e em zigue-zague, sempre fazendo-se fogo com toda a potência possivel, fogo demetralhadoras, bazookas, e lançando granadas, aprendermos a aproximarmo-nos do de um acampamento inimigo o mais silenciosamente possivel, para depois a companhia em linha abrir forte barragem de fogo e a seguir correremos para desorientar-mos o inimigo e chegarmos là, lançarmo-nos em cada tabanca, ^{mas} com duas granadas, para entrarmos là dentro; matar todos os que estiverem feridos, apreendermos todo o material que encontrarmos e

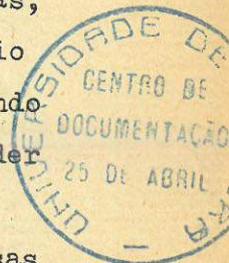
S. E. LIFE

2.

fazer buscas a tudo; tudo isso é feito com o maximo de rapidez possível ao mesmo tempo que desaparecemos da zona a fugir para evitar cairmos em emboscadas. Um comando depois do curso tem milhares de tiros dados a alvo, nas mais diferentes posições, como de joelhos, deitado, de pé, instintiva. Todos os dias às dez horas içavamos a bandeira e eram lidos os deveres dos comandos. Primeiro os deveres foram lidos por todos os oficiais e sargentos, a seguir foram lidos pelos soldados e cabos que melhor pontuação iam tendo no curso. Nos deveres lia-se que o comando deve amar a sua Patria, que o comando pratica a camaradagem, que o verdadeiro comando trata com carinho e solicitude, e estimula aqueles que lutam e sabem vencer todos os obstáculos, e não admite a suspeita de haver nos seus superiores a intenção de oprimi-lo ou de por qualquer outra forma o diminuir, que o comando não aceita a mentira nem a desobediência nem o desrespeito pelas regras da disciplina e da honra, que o comando não foge ao perigo e não evita as situações que lhe acarretam incomodos, que o comando incumbido de uma missão põe no cumprimento dela todas as suas possibilidades de actuação, todas as suas forças fisicas, intellectuais e morais, e que o comando que não cumpra os seus deveres deve ser privado do seu titulo, etc.

Na instrução também nos disseram que quando no mato entrarmos no objectivo e mesmo que no acampamento haja mulheres e crianças, que se mata todos porque dizem que os miudos quando forem grandes também são terroristas. Ainda na instrução fazemos muitas emboscadas, do genero estarmos todos emboscados, dois homens com um longo fio ao qual estão agarrados balões de tantos em tantos metros e quando os balões chegarem ao centro da emboscada, quando o comandante der ordem de fogo, rompe o tiroteio tendo como alvo os balões.

O treino de comandos é o que está aqui escrito mais algumas coisas que não vale a pena escrever porque é a mesma coisa do que na tropa normal.



PROPAGANDA

Eles dizem-nos que sendo as colonias muito ricas são os russos que lá estão a fazer a guerra mandando para lá armas que é para lá ficarem a governar e a explorarem as suas riquezas, e que se perdessemos as colonias Portugal ficaria muito fraco e os espanhóis invadiam Portugal como fizeram há muitos anos e ficavam a governar Portugal fazendo de Portugal uma colonia, etc. Nos comandos diziam-nos se nos algum dia estivessemos a ser presos pelo inimigo para virarmos o cano da arma para nos e darmos um tiro na cabeça- Dizem-nos que os inimigos são bastante terroristas, que o que diz a radio do PAIGC não é verdade e que os prisioneiros que falam na radio estão-lhes com uma pistola encostada à cabeça, obrigando-os assim a dizer que estão bem, que o que diz a VOZ DA LIBERDADE ou a Radio Portugal Livre é tudo mentira para nos so acreditarmos no que eles dizem para bem de todos, etc.

HISTORIAS DA GUERRA E CRIMES QUE VI E OUVI

Depois da Companhia acabar a especialidade, fomos fazer uma operação a Jabada, onde como sempre partimos de Bissau em pequenos barcos da Marinha, e de noite até à zona da operação onde desembarcamos numa bolanha e partimos pelo mato fora para chegarmos ao objectivo de manhã cedo. Em Jabada desembarcamos no porto de Jabada e partimos pelo mato fora debaixo de grande tempestade para chegarmos ao objectivo às seis da manhã. O objectivo era um acampamento de população civil; a cerca de 80 metros do acampamento os comandantes com a companhia toda em linha mandaram a companhia disparar sobre o acampamento, todo o potencial de fogo possivel - matando cerca de 20 pessoas às quais cortaram as orelhas, etc. A maior par-

S.E.C. E
4.

te do pessoal tinha conseguido fugir, trouxe debaixo de prisão e que eram da família dos guias, no acampamento foi roubado tudo o que se pode roubar, foram incendiadas e destruídas todas as tabancas, etc. Noutra operação que fomos fazer à zona de Binar, por todos os acampamentos de população civil onde passávamos lhe eram roubadas as vacas e os cabritos que depois vêm para Bissau nos barcos da Marinha, como aconteceu pouco antes de eu desertar, em que uma companhia de paraquedistas, foram à zona de Jabada e roubaram cerca de 200 vacas, à população assim como incendiaram^e destruíram todo o acampamento e trouxeram para o porto de Jabada cerca de 140 pessoas que lá se encontravam na povoação; a 5a Companhia de Comandos varias vezes tinha como objectivos acampamentos de população civil, onde destruíam tudo matando todas as pessoas que lá se encontravam, quer fossem homens, mulheres ou crianças; a 3a. Companhia de Comandos que tinha como comandante o capitão Cardoso que também era comandante da Pide, essa companhia chegou a entrar em povoações no mato destruir a povoação assim como juntar todo o pessoal que lá se encontrava, quer fossem 60 ou 80 pessoas, e os comandantes mandarem matar todo o pessoal mulheres e crianças e algumas vezes partiam e mandavam a aviação bombardear o pessoal que ainda não estivesse morto pois eles no local não poderiam estar muito tempo; qualquer destas companhias a 5a. ou a 3a. mataram também; muitos prisioneiros do PAIGC, fizeram também muito roubo de gado à população, etc.

A 15a. Companhia de Comandos foi para Contima que fica a cerca de 800 metros da fronteira do Senegal para a Guiné; e onde se desconfiava que o inimigo passava munições, fomos para esta zona fazer uma preparação de 40 a 50 dias que era para findarmos o curso operacional. Na zona de Contima todo o pessoal que trabalha na mancarra ou no milho, anda armado, para tentarem evitar qualquer surpresa e



mesmo tempo fazerem segurança ao quartel. Assim, supondo-se que de volta de Contima não houvesse perigo os comandos tinham ordem para fazerem uns tiros à caça, nas proximidades do aquartelamento. Porém, dias antes de eu desertar, foi proibida a caça, tendo eu ido falar a um alferes do meu grupo para me dar autorização para ir falar com a lavadeira que mora fora do quartel e assim obtendo autorização parti completamente armado e equipado mas escondendo-me para que qualquer oficial não me visse sair do quartel armado, claro que se a sentinela do lado donde sai me perguntasse para onde ia armado, lhe dizia que tinha pedido ao alferes para sair do quartel. Eu sai do quartel com outro camarada que se voltou para trás já na fronteira do Senegal porque ele tinha bastante receio que o PAIGC o torturasse e o matasse como ele me dizia. Entretanto nos minutos que estive a falar com ele tentando-o convencer a vir comigo, guardas da fronteira viram-nos, pois nos estávamos numa zona aberta. Entretanto os soldados de Contima diziam que dentro do Senegal havia acampamentos do PAIGC e era minha intenção chegar a qualquer povoação senegalesa e pagar a quem me levasse a um acampamento do PAIGC. E quando me dirigia a uma bolanha para falar ao pessoal que lá trabalhava, fui cercado por os soldados que patrulhavam a fronteira, que já me tinham visto. Claro que uma vez cercado por toda a população com armas e ainda os guardas da fronteira também armados ali tive que ficar, sendo transferido para Kolda, cidade do Senegal onde estive três dias, depois fui para Dakar, também para a policia, onde estive cerca de dois meses. Durante os dias que estive em Kolda, o capitão de Contima telefonou várias vezes para Kolda, falando com o capitão senegalês e fazendo todas as diligências para que as autoridades do Senegal me mandassem para Contima, tendo o capitão senegalês ido duas vezes à fronteira falar com os oficiais portugueses, mas o administrador de Kolda

6.

não deu autorização para que me entregassem às autoridades portuguesas.

Eu desertei porque, sendo eu alentejano, sei bem a miséria que lâhã na provincia do Alentejo, sei muito bem a exploração de que o nosso Povo é alvo por parte dos capitalistas, pois todo o Alentejo é so de cinco ou seis homens, eu, assim como dezenas e dezenas de milhares de pessoas, tivemos que abandonar a provincia e as familias para procurar meios onde pudessemos sobreviver, pois caso nos conservassemos ao pé das familias morreriamos de fome e miséria, sei muito bem que os salazaristas fazem das religiões politicas para enganar o Povo pois, enquanto o povo vai acreditando em Deus, n^o se revolta contra o governo; uma vez chegado à Guiné toda a cultivação que vi era da CUF, da Ultramarina, ou da casa Gouveia, e logo verifiquei que não andava a defender os interesses do Povo português mas andava sim a defender os interesses, o roubo e os crimes dos capitalistas, compreendi que nos os soldados portugueses, andamos errados, iludidos, enganados; compreendi que os fascistas aproveitam o atraso dos soldados para nos explorarem a nos e aos povos das colonias, compreendi que os salazaristas são a maior quadrilha de bandidos e de assassinos que têm actuado no mundo do crime. Ao compreender tudo isso, não podia mais andar debaixo do dominio dos fascistas, e foi por isso que desertei.

A PRISAO NO SENEGAL

No Senegal fui melhor tratado que qualquer outro preso, pois enquanto eles não saiam das grades eu podia andar à vontade dentro do quartel da policia so não tendo autorização para sair para a rua. O comer também não era ruim, somente não tinha era cama, tendo que dormir em cima



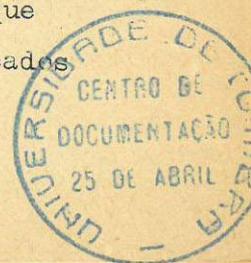
Depoimento de Francisco Gomes da Silva, aos microfones da VOZ DA LIBERDADE, da FILN. Nasceu em 1943 perto de Barcelos. Em Portugal, exercia a profissão de merceneiro. Possui o 2º grau do ensino primário.

Caros camaradas e amigos compatriotas portugueses:

Mais uma vez, de sua inteira e livre vontade, mas desta vez aos microfones da Frente Patriótica de Libertação Nacional, vos vai falar o ex-soldado condutor radio-telefonista nº 04827 de 1964, Francisco Gomes da Silva, natural de Barcelos, ex-prisioneiro do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, por esse mesmo partido libertado em 10 de Julho de 1968.

Amigos! Com certeza que muitos de vos, dos que hoje me estais ouvindo, já tivesteis a oportunidade através de Radio Libertação, estação emissora do PAIGC, ouvirdes a minha voz de protesto, revolta e indignação, não só contra a vil, criminosa e injusta guerra colonial portuguesa, como contra o não menos vil e criminoso regime de Salazar, do qual actualmente a maior parte de vos sois joguetes e escravos.

Amigos! Vou falar-vos hoje, porque como prisioneiro que fui do PAIGC e por isso mesmo conhecedor profundo e absoluto da maneira como os combatentes desse mesmo partido tratam os soldados portugueses que aprisionam, é tal a minha indignação e repugnância contra a propaganda barata, ordinaria e sem fundamento do vil e criminoso regime fascista de Salazar, no qual dizem e afirmam aos 4 ventos que os soldados portugueses que são feitos prisioneiros são não só maltratados como espancados e até degolados.

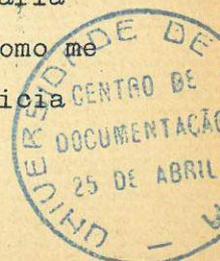


Ainda hipocritamente, muitas vezes se recusando a reconhecerem que na verdade existem prisioneiros e vil e criminosamente as famílias desses mesmos prisioneiros ludibriam, comunicando-lhes que foram desaparecidos em combate, tendo eles a plena e absoluta certeza que assim não aconteceu. Pois como acima vos ia dizendo, é tal a minha indignação e repugnância ao ter conhecimento de toda a verdade que não serei honesto para comigo mesmo se a todos vos não desse a conhecer a maneira humana, digna e até familiar como os honestos, bravos e dignos combatentes do PAIGC e seu povo, tratam os soldados portugueses por eles feitos prisioneiros. Que não temo fugir à verdade ao afirmar que são, propriamente dito, até mais bem tratados do que pelos seus superiores quando ao seu serviço se encontravam no exército colonial português. Para que assim possais ver que na verdade o é, eu vou contar-lhes, desde o primeiro minuto que fui feito prisioneiro até ao último antes de ser libertado, a maneira como fui tratado, não so eu como todos os outros prisioneiros que juntamente comigo se encontravam .

Amigos! Eu fui feito prisioneiro em 10 de Abril de 1968 durante um ataque ao aquartelamento de Catacunda, o qual foi totalmente destruído e onde ingloriamente longe das suas terras e famílias, sem saber porquê e para quê, perderam a vida três jovens camaradas meus, sendo ainda juntamente comigo feitos mais 10 prisioneiros, que ao imediatamente as suas armas deporem e se entregarem, revelaram bem as suas condições de homens obrigados a lutarem, que preferem obedecer cegamente às vis e criminosas ordens de matar, dadas pelo não menos vil e criminoso Salazar, cometendo os crimes mais barbaros, mais desumanos e cruéis que se possam imaginar, do que se recusarem

e às masmorras de Salazar irem cair e por lá apodrecerem, como aconteceu comigo, que tendo na metropole desertado duas vezes, pura e **simplesmente não se por não querer tomar parte numa guerra que de então** considerava e considero como criminosa e injusta, como por não querer servir um regime que de sobra conhecia e sentia na minha propria carne, como de vil, criminoso e explorador. Pois apenas com 16 anos de idade desse mesmo regime fui vitima, ao, por acto irreflectido da minha propria idade, ao contrario do que seria logico de supor, que era ser compreendido, repreendido e ajudado, fui mandado para a Prisão Escola de Leiria, aonde durante os cinco anos que lá passei, à base de maltratos e sofrimentos, no meu peito foi-se acumulando e aumentando a revolta, a indignação e o odio que hoje nem que o quizesse não poderia esconder nem negar ter por esse vil e criminoso regime de Salazar.

Fui encarcerado durante seis meses no forte da Trafaria so lá não apodrecendo porque resolveram que, como estava condenado, o melhor seria mandarem-me para o Ultramar e se lá não morresse poupando-lhes assim o trabalho. Então, à volta, depois de os servir pura e simplesmente a eles, Salazar e sua nojenta, vergonhosa e vil e criminosa comitiva, iria responder e sendo condenado metido nas suas masmorras o que aconteceu com um camarada meu chamado Monte Real ou Corte Real, não estou bem certo, que se encontrava preso comigo no forte de Trafaria, que tendo desertado uma vez na Metropole, foi mobilizado para Angola onde esteve dois anos, sendo ferido duas vezes em combate e putras tantas louvado por actos a que eles chamam de bravura também em combate. Ao regressar à Metropole foi responder e condenado a três anos de prisão maior no presidio de Santarém. Amigos, como lhes ia dizendo estive encarcerado durante 6 meses no forte da Trafaria e ao fim desse tempo fui mobilizado para a colonia da Guiné. Como me recusei a ir, fui levado debaixo de prisão, escoltado pela policia



militar até ao cais e ai metido no barco como se eu não tivesse vontade propria, queres ou razões, como se fosse um objecto me não pertencente e não um ser humano livre de pensamento e acção. Mas meus amigos, hoje do fundo do meu coração lhes digo: bendigo a hora em que para a colonia da Guiné fui mandado. Pois não so ao ter sido feito prisioneiro me libertei das garras vis e crimosas de Salazar e de sua não menos vil e criminosa comitiva, como se antes de para a colonia da Guiné ter vindo tinha fortes razões, para com todas as minhas forças interiores e exteriores, não so odiar, como contra Salazar e seu explorador, vil e crimoso regime lutar. Hoje essas razões e esse odio triplicaram muitas vezes o anterior porque os meus olhos foram mudas testemunhas vivas de crimes tão barbaros, desumanos e cruéis, que eu apesar de Salazar como crimoso considerar, se não os tivesse visto com os meus proprios olhos ter-me-ia recusado a acreditar, pois nunca concebi que um ser humano dotado de uma consciência e um coração por muito empedernido que esse estivesse e por isso por muito crimoso que pudesse ser, que fosse capaz de dar ordens para que se cometam crimes tão barbaros; desumanos e cruéis que até os proprios selvagens tremeriam ao os ver. E o que mais me causa nojo e repugnância é o saber e até ter visto que criatura tão vil e crimoso, para não so encobrir ou tentar encobrir os seus crimes, como para levar a crer aos seus subordinados que o inimigo é bandido, assassino, etc., serve-se de uma não menos do que ele vil e crimoso propaganda, dizendo-lhes que nunca se deixem fazer prisioneiros, a isso preferindo a morte, pois serão maltratados, espancados e até degolados e por isso mesmo que mais vale a morte, como eu tive oportunidade de ouvir da boca de soldados meus camaradas ^{que} em conversa comigo muitas vezes diziam que preferiam morrer a um dia virem a ser feitos prisioneiros pelos terroristas, como eles chamam aos combatentes do PAIGC.

Amigos! Eu não quis aqui expor-lhes as razões ou outras coisas no género, pelas quais o povo da colonia da Guiné tem todo o direito de lutar pela independência da sua terra e do seu povo, mas sim continuar o relato que atrás interrompi de como são tratados os soldados portugueses que são feitos prisioneiros, e em seguida os crimes cometidos pelos soldados portugueses de que os meus proprios olhos foram testemunhas, deixando ao critério de todos vos o livremente julgarem quem são afinal os terroristas, se por si so o meu caso não lhes é suficiente, que tendo sido feito prisioneiro não fui nem maltratado, nem espancado nem degolado, mas sim libertado, sendo-me dado todos os direitos e auxilios para que pudesse ser um homem livre e começar uma vida nova em qualquer pais. Que agradecendo, tudo isso recusei seguindo o caminho da minha consciência, da razão, da verdade, que na verdade todos os portugueses dignos desse nome deveriam seguir: o da luta. A vida constantemente arriscando se assim for preciso para lutando libertar a nossa terra e o nosso povo da miséria, da escravidão e da exploração a que Salazar e seu vil e criminoso regime os vem há muitos anos submetendo sem escrupulos de espécie alguma. Amigos, continuando o meu relato de como eu e os meus companheiros feitos prisioneiros foram tratados, começo por dizer-lhes que logo apos o final do ataque em que fomos feitos prisioneiros, imediatamente por todos fomos cumprimentados e até abraçados e sendo logo todos nos por enfermeiros inspeccionados e tratados os que de isso precisavam. E como nessa noite estava frio e maior parte de nos se encontrava em trajos menores, pois quando o ataque se deu eram vinte e três horas e trinta minutos e quase todos nos estavamos na cama, os proprios militantes do PAICG privaram-se de algumas roupas e calçado que eles mesmos traziam, nos pondo imediatamente à vontade dizendo-nos que estivessemos descansados que esta-



vamos entre amigos e seríamos não só bem recebidos e respeitados como bem tratados, ninguém nos fazendo mal algum. O que hoje posso afirmar foi a pura verdade, pois durante^{OS} três meses que estive prisioneiro, não só a mim como a todos os outros prisioneiros, nunca nos faltou cama para dormir, roupas para vestir, tabaco para fumar, cartas e selos para escrevermos à família. Inclusivamente, até tínhamos livros e radio para nos distrairmos e tínhamos sempre diariamente à nossa disposição um enfermeiro e medicamentos que o médico ao seu dispor punha, na sua visita semanal que a nos prisioneiros nos fazia. E éramos alimentados com comida superior, tanto em quantidade como em qualidade, à dos combatentes do PAIGC que ao contrario do que sucedia com nos que de manhã o nosso pequeno almoço era meio quilo de pão com doce, queijo ou merendinha, muitas vezes nada comiam. E se por qualquer motivo comida não chegasse os prisioneiros nunca poderiam ficar sem comer, nem que para isso alguns dirigentes do Partido sem comer ficassem. Mas não só deste tratamento humano materialmente fomos alvo, como moralmente fomos sempre digna e humanamente tratados, a todos os instantes nos fazendo ver pelas suas belas acções que estávamos entre amigos e que nos queriam como irmãos, pois nunca lutaram nem lutam contra o povo português mas sim contra o inimigo comum dos nossos povos que é o vil e criminoso dominio do não menos vil e criminoso Salazar e seu regime. E muitas provas concretas de isso tive. Mas vou apenas deixar-lhes aqui uma delas que a meus olhos é uma lição para mim jamais inesquecível e que hoje ao recordar ainda me humedecem os olhos apesar de ser um homem há já alguns anos habituado ao sofrimento: Vinha eu e os meus companheiros prisioneiros a caminho do local para onde éramos destinados e, ao passar por um hospital do PAIGC entramos e aí vi com os meus próprios olhos internados mutilados, uns sem pernas outros sem braços, vítimas dos cobardes criminosos bombardeamentos com fosforo e napalm, feitos pela aviação

portuguesa a populações indefesas. E todos esses mutilados que vimos, ao nos verem e sabermos que além de sermos prisioneiros, pertenciamos ao exército do que vil e criminosa mente foram vítimas, com um sorriso amargo nos lábios nos chamaram, cumprimentando-nos e pedindo que nos sentássemos em suas camas, com nos conversando, nunca se queixando, mas sim pura e simplesmente nos perguntando se estávamos bem de saúde, se queríamos comer, se tínhamos cigarros, etc.

Amigos! Isto melhor que as palavras revela os sentimentos desses honestos e honrados homens que ao pegarem as armas para, lutando obterem a liberdade da sua terra e do seu povo, não se esquecem nunca dos seus deveres humanitários e por isso mesmo incapazes de maltratarem ou matarem um prisioneiro seja ele soldado, fuzileiro, marinheiro, alferes ou aviador.

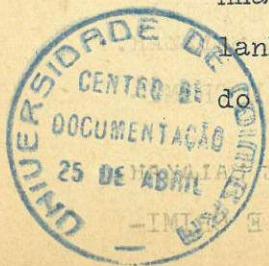
O mesmo infelizmente já não sucede com os militares superiores portugueses que com os seus elementos, os seus subordinados, tratam humanamente e muito menos os prisioneiros e até refens que no relato que em seguida lhes vou fazer idos ter a oportunidade de ver. Amigos, como todos vos sabeis, pelo menos aqueles que são soldados e os que o não são, mas que têm filhos na tropa sabem, o soldado português além de mal pago é tratado pelos seus superiores como se fosse um criado, um escravo e muitas vezes mal instalado e alimentado. Como eu tive a oportunidade de ver quando me encontrava ainda em Bissau no quartel dos adidos, aonde dormia no chão em cima dum imundo colchão cheio de pulgas, de percevejos e sem lençóis, tendo que dormir vestido se não queria que os mosquitos me sugassem o sangue e onde francamente lhes digo que tinha nojo de comer, pois era tanta a imundície acumulada nas mesas, nos pratos, nos copos e nos talheres, por mal serem lavados, que a comida do si já pessima e propria para alimentar



porcos e não seres humanos, nestas condições era intragável. Tudo isto é ainda mais de lamentar se olharmos ao facto de que nesse quartel é que habitam os soldados que feridos no mato andam em consulta externa no hospital militar e tanto o alojamento como a alimentação são iguais às de qualquer outro e às que acabo de referir. Amigos, inumerar factos tinha mais para lhes citar o meu tratamento dado pelos militares superiores aos soldados seus subordinados. Mas muito teria que me alargar e poderia vir até a maça-los o que não quero de maneira alguma faze-lo. E por isso vou de seguida relatar-lhes os crimes levados a cabo pelos militares portugueses dos quais os meus proprios olhos foram testemunhas vivas. Amigos, encontrava-me eu em Bissau no quartel dos adidos há 15 dias aguardando colocação. Nesse mesmo quartel encontravam-se dois militantes do exército popular do PAIGC feitos prisioneiros pela tropa dos comandos os quais para os interrogarem os chicoteavam com chicotes feitos de arame e lhes espetavam na pele até à profundura de meio centimetro, arames com os quais os espancavam de noite e dia. Como os infelizes, ou por nada saberem ou por não quererem trair a sua causa, nada lhes respondessem, furiosos os carrascos pontapeavam-nos sem do nem piedade em todas as partes do corpo, até que os infelizes por terra caiam sem força ou desmaiados, sendo-lhes negada muitas vezes a água que sequiosos imploravam. E quando a davam punham-lhe grande quantidade de sal rindo-se da cara que os infelizes faziam ao sofregamente a beberem. Amigos, foi este o primeiro crime palpavel na colonia da Guiné visto pelos proprios olhos mas infelizmente não foi este o ultimo. Pois do quartel dos adidos fui transferido para o quartel da Intendencia, também em Bissau, aonde estive seis meses no serviço de transportes de generos por via maritima. E numa das minhas idas ao Cacheu, aonde cheguei ao cais por volta das seis horas da manhã. Como habitualmente di-

...HABIAJA DE SAZAR E A SUA NAO MEMOS VIL E CRIMI-
...VIV A LIBERDADE-VIV A AVIA .AVITIMOS ASO
17.

rigi-me ao quartel para que me viessem descarregar o barco de ge-
neros, sendo-me dito que tinha de esperar, pois o pessoal dessa
companhia que ai se encontrava e que por sinal era a 1649, tinha
saiido poucas horas antes para uma operação. Cerca das 7 horas da
manhã, o pessoal dessa companhia que tinha saido regressou. E tra-
zia consigo três mortos, oito feridos gravemente, os quais mais
tarde vim a saber morreram no avião que os evacuava para a Metropo-
le e ainda doze feridos não muito graves. Tive logo na altura co-
nhecimento que a causa desses mortos e feridos tinha sido o reben-
tamento duma mina incendiaria colocada a pouco mais de 2 Kilometros
do quartel, local esse onde existiam perto umas casas de palha ha-
bitadas por familias africanas civis. Por desconfiança de colabora-
ção com o inimigo resolveram os responsaveis da companhia e um
agente da PIDE que nessa povoação se encontrava, interrogarem os
habitantes dessas casas de palha perto da local da tragédia. E pa-
ra o fazer trouxeram-nos todos homens novos e velhos, mulheres e
crianças para o quartel onde os encerraram numa cave. E ai pro-
cedendo-se ao interrogatorio que se realizou da seguinte maneira:
todos eles, sem excepção de mulheres e crianças, velhos ou novos;
chamados e interrogados de parte um por um, sendo ao mesmo tempo es-
pancados brutalmente e selvaticamente, como por exemplo vi com os
meus proprios olhos a um desses infelizes, pegarem-lhe pelas pernas
e darem-lhe com a cabeça na parede e quando o desgraçado ja san-
grando pela boca e pelos ouvidos e nariz e cabeça, se encontrava
na agonia da morte, meteram-no de cabeça para baixo dentro de um
bidon cheio de agua para que acabasse de morrer afogado. Vi também
com os meus proprios olhos um soldado, um camarada meu, um ser hu-
mano como eu, pegar numa G3 e com a coronha da mesma dar uma coro-
nhada com toda a força na testa dum pobre velho, abrindo-lhe um
lanho enorme e em seguida abaixar-se e beber o sangue que pela cara
do desgraçado corria com abundância. Amigos, todos estes infelizes



que para o quartel foram levados tiveram um tratamento igual ao que acatais de ouvir. E todos eles acabaram por morrer e serem enterrados em covas pelos meus proprios olhos vistas nas trazeiras do quartel que eram nada mais nada menos de 20. Apenas desse massacre saíram com vida as crianças e as mulheres que apesar de espancadas não o foram tão selvaticamente como os homens. E depois de dalgumas das mulheres se servirem, mandaram-nas embora, partindo todas as que eram casadas dali viúvas. Amigos, ao presenciar estes tão miseraveis, cobardes, desumanos e crueis crimes, era tanta a minha indignação, repugnância e nojo, que não pude deixar de perguntar a mim mesmo se esses carrascos, seriam seres humanos, dotados de uma consciência e de um coração, ou se seriam feras enraivecidas e sedentas de sangue habitudas a matar seres humanos como quem mata qualquer animal doméstico para em seguida o comer. Amigos, quando é que nos os portugueses honestos e honrados decidiremos firmemente e de uma vez para sempre por termo a crimes como estes tão cobardes, crueis e desumanos que em nosso nome têm sido cometidos? Quando é que deixaremos de cobardemente dormir nos lençóis da resignação, deixando que nos escravizem, roubem explorem e manobrem, como se fossemos um objecto que se coloca no sitio que se quer?

Amigos! Se não queremos viver uma vida inteira de miséria, de roubos e explorações como o que o vile criminoso dominio do regime de Salazar nos reserva a todos nos portugueses, porque esperamos para que todos nos os portugueses, honestos, honrados e dignos dos nossos antepassados, nos unamos num so, num so querer, numa so vontade, e de cara levantada sigamos em frente lutando, firmemente decididos a libertarmos o nosso povo e o nosso Portugal ou por eles gloriamente morrer?

Amigos! Avante. Sejamos corajosos, dignos, justos e leais. Não façamos ouvidos de mercador à suplica que neste tão critico momento que o nosso Portugal e o nosso Povo atravessam a todo o momento tanto um como outro nos estão fazendo a nos seus dignos filhos. Entendamo-nos, lutemos, salvemo-los do abismo, da ruina, da miséria para que Salazar e seu vil e criminoso regime a toda a velocidade os encaminham.